



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

A fuga da cidade para o parque: três projetos de Affonso Reidy para a atual área do Corredor Cultural no centro do Rio de Janeiro

Escaping from the city to the park: three projects of Affonso Reidy to the current "Corredor Cultural" area in downtown Rio de Janeiro

La huída de la ciudad para el parque: tres proyectos de Affonso Reidy para el actual área del "Corredor Cultural" en el centro de Rio de Janeiro

SANTOS, Rafael Barcellos (1)

(1) Doutorando, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Urbanismo, PROURB, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; email: rafael.barcellos.santos@gmail.com

A fuga da cidade para o parque: três projetos de Affonso Reidy para a atual área do Corredor Cultural no centro do Rio de Janeiro

Escaping from the city to the park: three projects of Affonso Reidy to the current "Corredor Cultural" area in downtown Rio de Janeiro

La huída de la ciudad para el parque: tres proyectos de Affonso Reidy para el actual área del "Corredor Cultural" en el centro de Rio de Janeiro

RESUMO

Este trabalho dedica atenção a três edifícios públicos desenhados por Affonso Reidy em seus primeiros anos de ofício na Prefeitura do Rio de Janeiro, destinados a ocupar as imediações do Campo de Santana, que atualmente compreendem áreas protegidas por leis patrimoniais. Por essa razão, torna-se interessante examinar de que maneira o jovem arquiteto pode ter considerado aquela parte da cidade, que apenas hoje é definida como patrimônio urbano, mas que já naquela época oferecia a sua matéria construída para o arquiteto intervir. Essa é uma abordagem que permite novas possibilidades de interpretação da história da arquitetura moderna e da relação dos seus arquitetos com a cidade consolidada.

PALAVRAS-CHAVE: cidade, patrimônio, projeto, arquitetura

ABSTRACT

This paper dedicates attention to three public buildings designed by Affonso Reidy in his first years at Rio de Janeiro municipality services, intended to occupy the vicinity of Campo de Santana park, that currently includes zones protected by heritage laws. For this reason, it is interesting to examine how the young architect may have considered that part of the city, that only nowadays is defined as an urban heritage, but even then offered its built materiality for the architect to intervene. This is an approach that allows new possibilities for interpreting the history of modern architecture and the relationship of its architects with the consolidated city.

KEY-WORDS: city, heritage, design, architecture

RESUMEN

Este documento dedica atención a tres edificios públicos diseñados por Affonso Reidy en sus primeros años de trabajo en los servicios municipales de Rio de Janeiro, destinados a ocupar las inmediaciones del Campo de Santana, que actualmente incluyen áreas protegidas por leyes de protección patrimonial. Por esa razón, es interesante examinar cómo el joven arquitecto pudo haber considerado aquella parte de la ciudad, que sólo actualmente se define como patrimonio urbano, pero incluso entonces ofrecía su materialidad construída para el arquitecto intervenir. Este es un enfoque que permite nuevas posibilidades para la interpretación de la historia de la arquitectura moderna, y de la relación de sus arquitectos con la ciudad consolidada.

PALABRAS-CLAVE: ciudad, patrimonio, diseño, arquitectura

1 INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos da década de 1930 seriam confiados alguns projetos ao jovem arquiteto Affonso Reidy, que ingressava por concurso em 1932 nos serviços públicos da Secretaria-Geral de Viação, Trabalho e Obras da Prefeitura do Distrito Federal (BONDUKI, p: 27). Esses projetos, que não foram executados, seriam implantados em uma das partes mais antigas do centro da cidade do Rio de Janeiro, ao redor do Campo de Santana, que também é conhecido como a Praça da República, justapondo-se ou mesmo substituindo construções ou quadras inteiras que vieram, posteriormente, a se instituir como patrimônio urbano pelas leis de proteção do Corredor Cultural ¹.

2 A AMPLIAÇÃO DO PALÁCIO DA PREFEITURA: 1932

Seu primeiro trabalho realizado na prefeitura, logo em seus primeiros meses de atividade, vai ser o projeto não executado de um edifício “destinado a conter dependências de serviços municipais” (REIDY, 1932, p: 2). Trata-se na verdade de um prédio que viria a ser construído em frente ou ao lado do “Paço Municipal”, que em 1932 ainda funcionava em um grande palácio eclético localizado em frente ao Campo de Santana (Figura 1).

Figura 1: O Palácio da Prefeitura



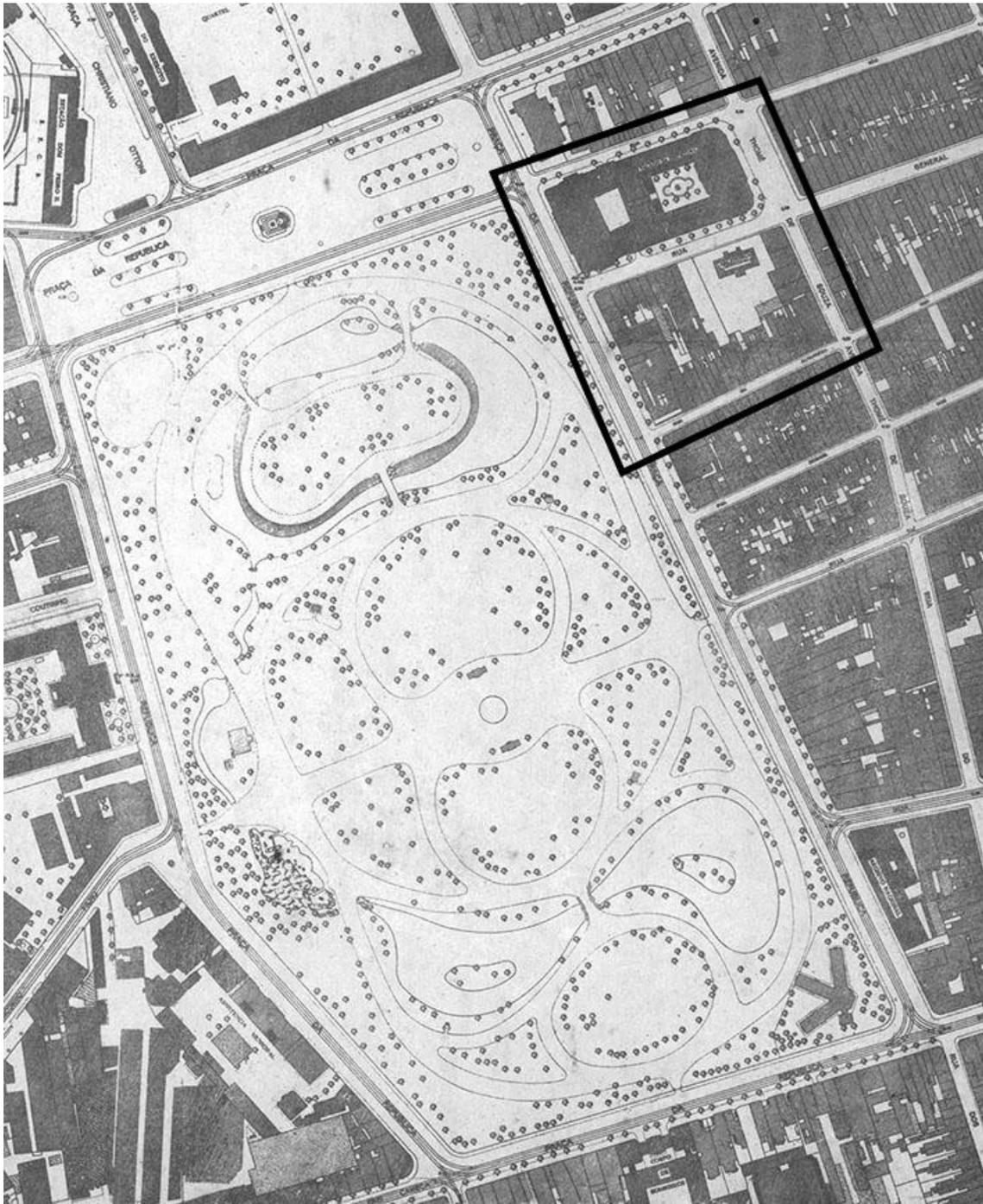
Fonte: Coleção Augusto Malta / Museu da Imagem e do Som – Rio de Janeiro

Na verdade esse palácio vai deixar de existir juntamente com a porção do Campo de Santana

¹ Cf. Decreto nº 4.141 de 14 de julho de 1983 e Lei nº 506 de 17 de janeiro de 1984.

referente à Praça da República, que foi por onde alguns anos depois veio a passar a Avenida Presidente Vargas (Figura 2). De qualquer modo, o projeto do arquiteto Affonso Reidy foi previsto para centralizar diversas repartições do serviço municipal que então se encontravam dispersas pela cidade, instaladas em prédios de aluguel ou mesmo que necessitavam de mais espaço dentro do próprio Palácio da Prefeitura.

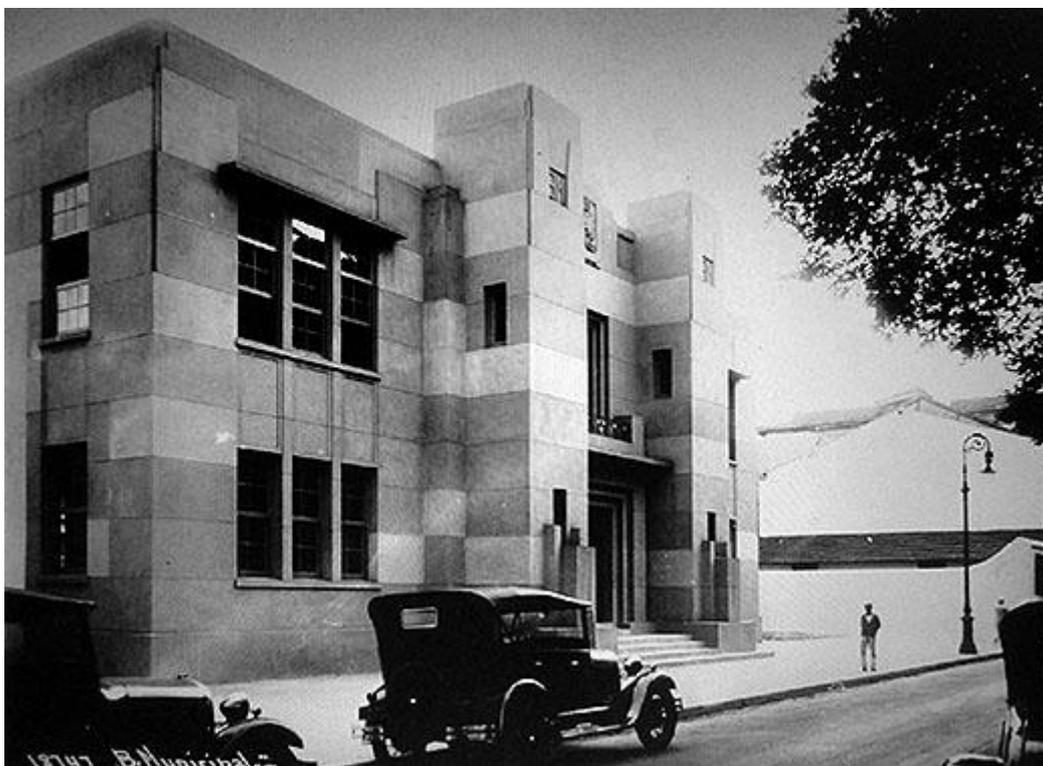
Figura 2: O Campo de Santana com a área demarcada do Palácio da Prefeitura e o quarteirão ao seu lado, em planta de 1935



Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – Rio de Janeiro

Por esta razão é que teria sido escolhido um terreno da própria prefeitura, localizado ao lado de sua sede principal, na rua General Câmara, que nem precisaria ser atravessada, já que o projeto chegava a prever uma “comunicação subterrânea” entre o novo e o velho edifício (REIDY, 1932, p: 2). Mas nesse legítimo conjunto arquitetônico, composto por um palácio eclético e um edifício moderno, ainda haveria de ser considerada a presença de um terceiro elemento arquitetônico existente no local, também de propriedade municipal, e que ao contrário de outras casas da porção do quarteirão a ser ocupado pela nova obra, decidiu-se que seria “conservado” (REIDY, 1932, p: 2). Refiro-me ao pequeno edifício da Biblioteca Municipal (Figura 3), localizado no meio da área destinada ao edifício de Reidy, e que em suas pesadas linhas *art déco* vai resistir no meio da proposta moderna e inovadora do arquiteto, complementando na verdade uma composição arquitetônica de três edifícios de naturezas distintas, mas agrupados pelo fato de se destinarem a serviços públicos.

Figura 3: O edifício da Biblioteca Municipal em 1931

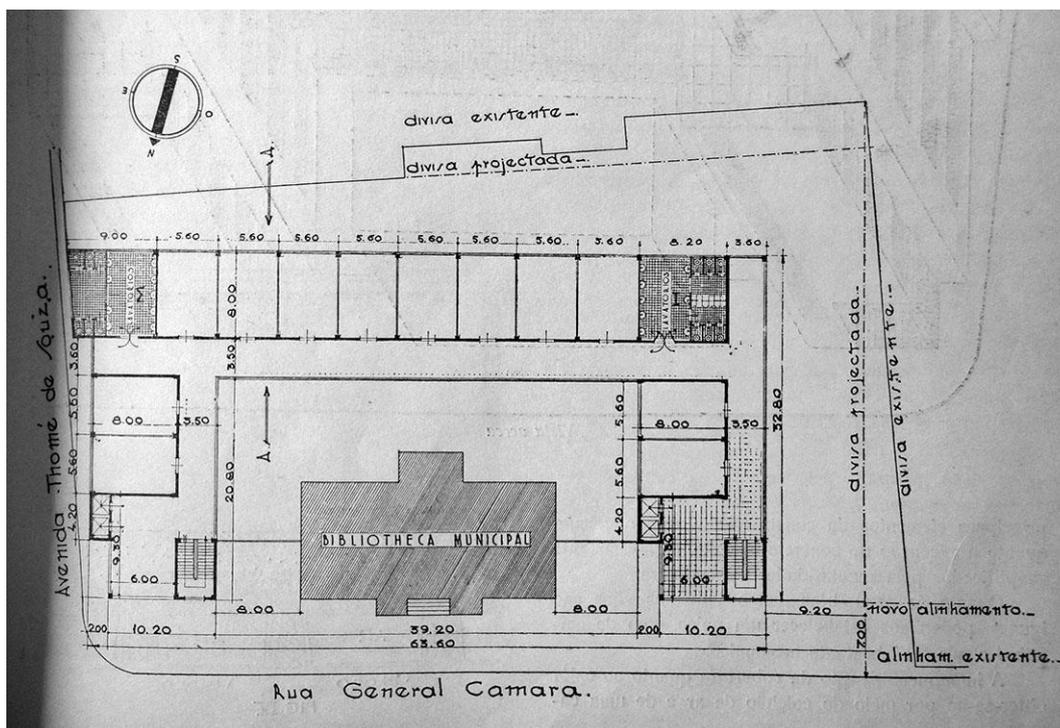


Fonte: Coleção Augusto Malta / Museu da Imagem e do Som - RJ

Sobre o edifício de Reidy propriamente dito, podemos observar, tanto no discurso do seu memorial descritivo quanto em boa parte dos desenhos apresentados, a defesa e a justificativa de uma arquitetura funcionalista e racionalista. São celebradas a padronização do sistema construtivo, a regularidade dos elementos estruturais e a homogeneização das esquadrias. Ao escrever sobre a forma do edifício, Reidy chega a citar a passagem de um texto de Le Corbusier, para em seguida dizer que “uma forma arquitetônica é a exteriorização natural, espontânea da função do elemento que lhe dá razão de ser”, que “um edifício é um organismo” e que “o seu aspecto plástico é a resultante do seu mecanismo interno” (REIDY, 1932, p: 5). Tudo isso parece condizer com uma espécie de recado a ser dado através de uma obra legitimamente moderna, inserida no meio de uma cidade tradicional e compondo pares com outras obras mais antigas

de outros tempos (Figura 4), mas que ainda assim, através das suas palavras e dos seus desenhos nos tenta convencer de que estariam superadas a “máscara falsa do decorativismo”, ou a “preferência por determinado estilo passado, que estava muito bem na sua época, na região em que nasceu e correspondia às necessidades e possibilidades de então” (REIDY, 1932, p: 5).

Figura 4: Planta do Pavimento Térreo



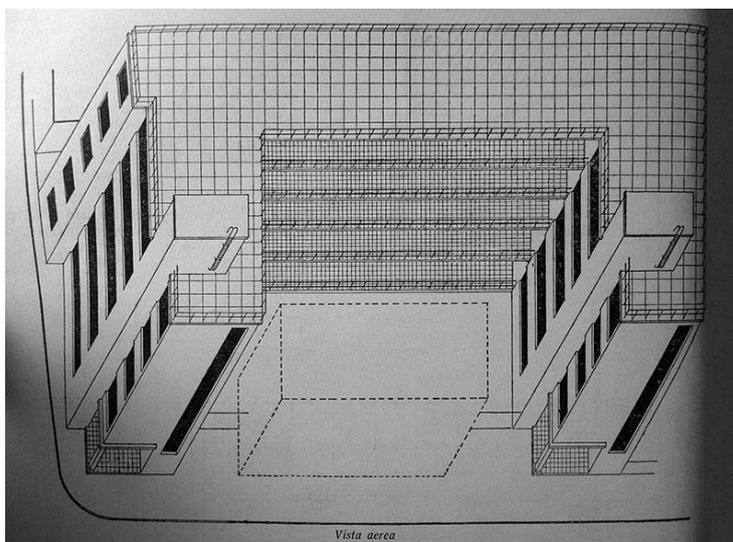
Fonte: REIDY, 1932, p: 3

Analisando mais atentamente os desenhos dessa verdadeira proposta de justaposição arquitetônica de tempos distintos, veremos algumas determinações que as construções e o ambiente urbano existente vão imprimir na forma do edifício de Reidy, que por sua vez está alinhado às transformações ditadas pelos códigos construtivos previstos para aquela parte da cidade. A sua planta denuncia uma composição na esquina entre a Rua General Câmara e a Avenida Thomé de Souza, e um corpo edificado que envolve o edifício preservado da Biblioteca. Nessa planta os vizinhos não aparecem, e muito menos o Palácio da Prefeitura do outro lado da Rua General Câmara. Mas o alinhamento existente nessa rua está indicado, assim como um novo alinhamento que parece levar em conta a fachada da Biblioteca Municipal, e que vai ser inteiramente respeitado pelo desenho de Reidy, e pelo visto indicado e tracejado para o restante da rua, que assim estaria condenada a sofrer a substituição de todas as suas edificações pelo menos nesse lado. Devemos saber que tal medida estaria inteiramente em conformidade com as determinações do Plano Agache, aprovado naquele mesmo ano de 1932 como plano diretor da cidade ², e que para este bairro que chamou de “Sacramento” vai prever uma remodelação urbana mais completa, através do alargamento da maioria das suas vias e da substituição das suas “velhas construções” (AGACHE, p: 178).

² Cf. Decreto nº 3.873 de 10 de maio de 1932.

Já no lado da Avenida Thomé de Souza, o alinhamento existente parece manter-se inalterado, e uma perspectiva isométrica do conjunto arquitetônico confirma essa manutenção. Essa perspectiva isométrica inclusive não parece dar valor às linhas do edifício da Biblioteca, reduzido a um paralelepípedo tracejado no meio do edifício projetado por Reidy (Figura 5).

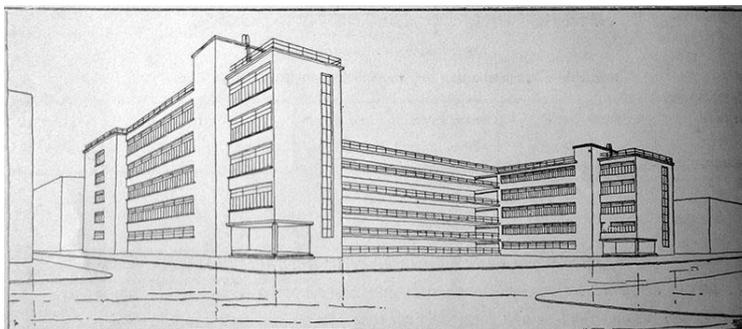
Figura 5: Perspectiva Isométrica



Fonte: REIDY, 1932, p: 4

Se essa negligência poderia pressupor uma falta de atenção do arquiteto em relação às formas do edifício que faz parte de seu projeto, e ainda reforçada pela sua ausência na outra perspectiva apresentada em ponto de fuga (Figura 6), no entanto uma análise apurada das formas de ambos os edifícios poderiam pressupor o contrário, ou seja, uma razoável consideração pelas linhas verticais e pesadas do pequeno edifício *art déco*, flagradas nas faces do edifício moderno que com ele compartilham o mesmo lado da Rua General Câmara.

Figura 6: Perspectiva em Ponto de Fuga

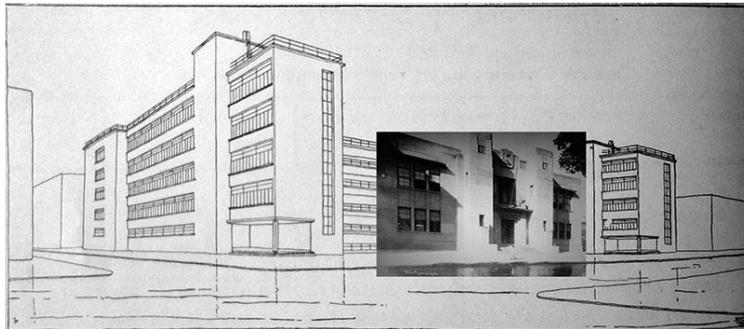


Fonte: REIDY, 1932, p: 2

O memorial descritivo do projeto de Reidy vai enfatizar a predominância do sentido horizontal das suas janelas, ocupando “toda a extensão da parede” dos compartimentos internos, de modo a que se utilize “até o último centímetro quadrado de superfície” (REIDY, 1932, p: 2). O arquiteto chega a demonstrar através de desenhos esquemáticos a eficácia luminosa dessa disposição das aberturas no interior das salas de trabalho, comparando com salas iluminadas

por janelas verticais tradicionais de edifícios mais antigos. Nota-se o resultado dessa determinação na força das linhas horizontais indicadas nos desenhos das fachadas e nas perspectivas apresentadas. No entanto, os dois volumes voltados para o mesmo lado em que está a Biblioteca Municipal abrigam as caixas de escada e os elevadores do novo edifício, apresentando um peso e uma força verticalizada que não se vê no resto da sua forma, enfatizados que ainda são pelas únicas aberturas altas e estreitas que vencem todos os pavimentos. Observando as linhas do edifício da Biblioteca, veremos que é o sentido vertical que também predomina, sobretudo levando em conta os dois volumes que se elevam simétricos ao lado de uma entrada principal centralizada. Apesar de todo o discurso racionalista e funcionalista com que Reidy apresenta a sua obra, não podemos nos esquecer de sua confessa preocupação com a estética, o equilíbrio e a unidade da composição arquitetônica, que no caso está integrada por mais de um edifício, o que nos permite imaginar que a relação entre as suas partes pode ter sido pensada de maneira mais elaborada do que os documentos nos mostram à primeira vista (Figura 7).

Figura 7: Imagens sobrepostas do edifício da Biblioteca e do projeto de Reidy



Fonte: REIDY, 1932, p: 2

Sobre o que nos mostram todos esses documentos, aliás, talvez seja digno de nota a falta que fazem, e talvez apenas hoje, algumas notações gráficas sobre a cidade em que se estava intervindo através desse projeto. A falta dessas informações talvez nos seja cara pelo que apenas décadas depois daquela época se criou a respeito dessas áreas da cidade, hoje protegidas por leis de patrimônio que na época simplesmente não existiam. Ainda sobre a perspectiva do edifício de Reidy, que não mostra a imagem do edifício da Biblioteca mas nem por isso podemos afirmar que deixou de ser cuidadosamente considerada pelo arquiteto, seu desenho também não mostra o que hoje seria de fundamental importância para a justificativa de um projeto desse porte para essa parte da cidade, que são as edificações vizinhas às áreas de intervenção.

Se a ausência dessas informações nos documentos não significa o desprezo pelo ambiente urbano, pelo menos por parte do arquiteto que provavelmente esteve muitas vezes no local, antes e durante o tempo em que nele e para ele projetava, a sua falta pode estar relacionada ao fato de toda a envolvente estar destinada a desaparecer, e dar lugar a uma outra cidade que já se podia “ler” nos planos diretores e nos códigos de obra vigentes. Entretanto, a nossa capacidade de reconstituir ou complementar a documentação existente, estritamente relativa aos projetos, com as documentações que os arquivos históricos nos fornecem nos dão a oportunidade de tentarmos descobrir, através do acervo documental da cidade, algumas situações que poderiam estar “perdidas” nas entrelinhas desses desenhos e projetos de

arquitetura. O levantamento da hipótese de uma consideração, do arquiteto Affonso Reidy, pelo edifício da Biblioteca Municipal no seu projeto só foi possível através da sobreposição de documentos à primeira vista desconexos, assim como também só é possível imaginar a cidade à volta do conjunto arquitetônico projetado através do acervo fotográfico disponível, das primeiras décadas do século (Figura 8), e dos levantamentos aerofotogramétricos e das plantas cadastrais da mesma época.

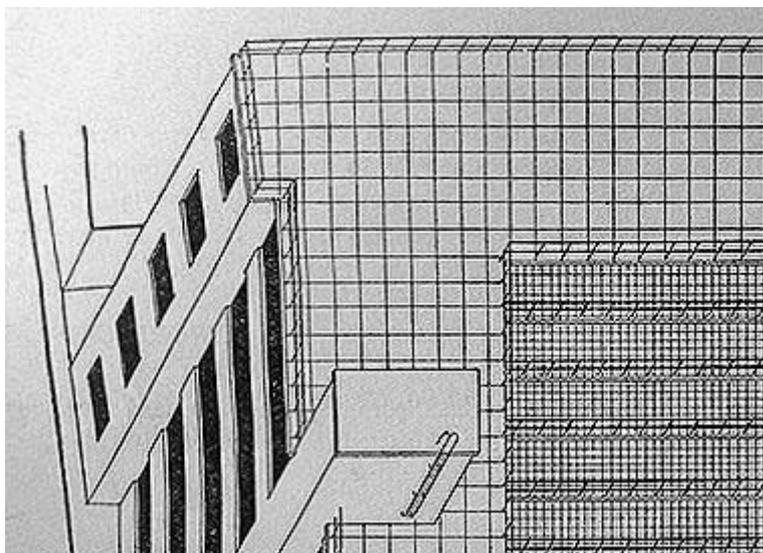
Figura 8: A Avenida Thomé de Souza no início do século XX



Fonte: Coleção Augusto Malta / Museu da Imagem e do Som – Rio de Janeiro

É dessa forma que podemos tentar “voltar”, por exemplo, à Avenida Thomé de Souza, e supor que nessa via o edifício de Reidy respeita e segue o alinhamento original, que resiste pelo menos no lado da fachada por ele projetada, e cuja última porção que estabelece contato direto com os vizinhos, fatalmente mais antigos, se ajusta em ângulo idêntico ao das testadas existentes, que pelo menos naquela parte e naquele lado da rua, e ainda naquele ano, poderiam estar sendo preservadas (Figura 9).

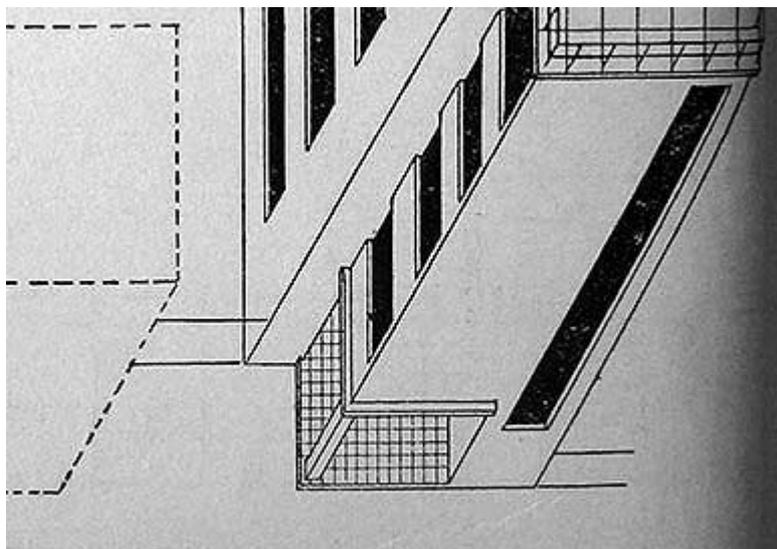
Figura 9: Pormenor do alinhamento do edifício na Rua Thomé de Souza



Fonte: REIDY, 1932, p: 4

Sobre essa última porção do edifício de Reidy, talvez ainda caiba imaginar porque razão nesse volume as suas janelas também subvertem o sentido horizontal predominante do discurso, e se apresentam mais próximas do que seria uma tipologia mais tradicional. Poderíamos colocar essa situação na conta dos banheiros situados na coluna, que não carecem de tanta abertura. Mas haveria certamente outras soluções para isso. A representação simplificada das construções envolventes, reduzidas a um traço fino de contorno, e a imprecisão dos documentos fotográficos sobre aquela parte da rua, naquela época, não nos deixam muitas pistas sobre a possibilidade de um possível diálogo com os edifícios existentes. De qualquer forma, o gabarito insinuado em alguns desenhos, assim como os alinhamentos demarcados nas plantas levam mesmo a crer que as construções e o tecido urbano ao redor desse lugar, hoje protegidos, na altura viam-se dispostos a serem substituídos, o que absolutamente não deixaria de ser o caso do seu vizinho imediato. Considerando a excepcionalidade do desenho do edifício de Affonso Reidy, e principalmente as suas linhas predominantemente horizontais, esse volume vertical que lhe arremata, no ponto em que vai estabelecer contato com o seguimento da Avenida Thomé de Souza, na verdade poderia bem servir como uma transição entre a sua e qualquer outra arquitetura que ali viesse a ser construída. E poderíamos dizer o mesmo dos volumes verticais voltados para a Rua General Câmara (Figura 10), que além de enquadrar a Biblioteca Municipal, também serviriam de arremate para a outra extremidade do edifício que se conecta ao vizinho do outro lado.

Figura 10: Pormenor do alinhamento do edifício na Rua General Câmara



Fonte: REIDY, 1932, p: 4

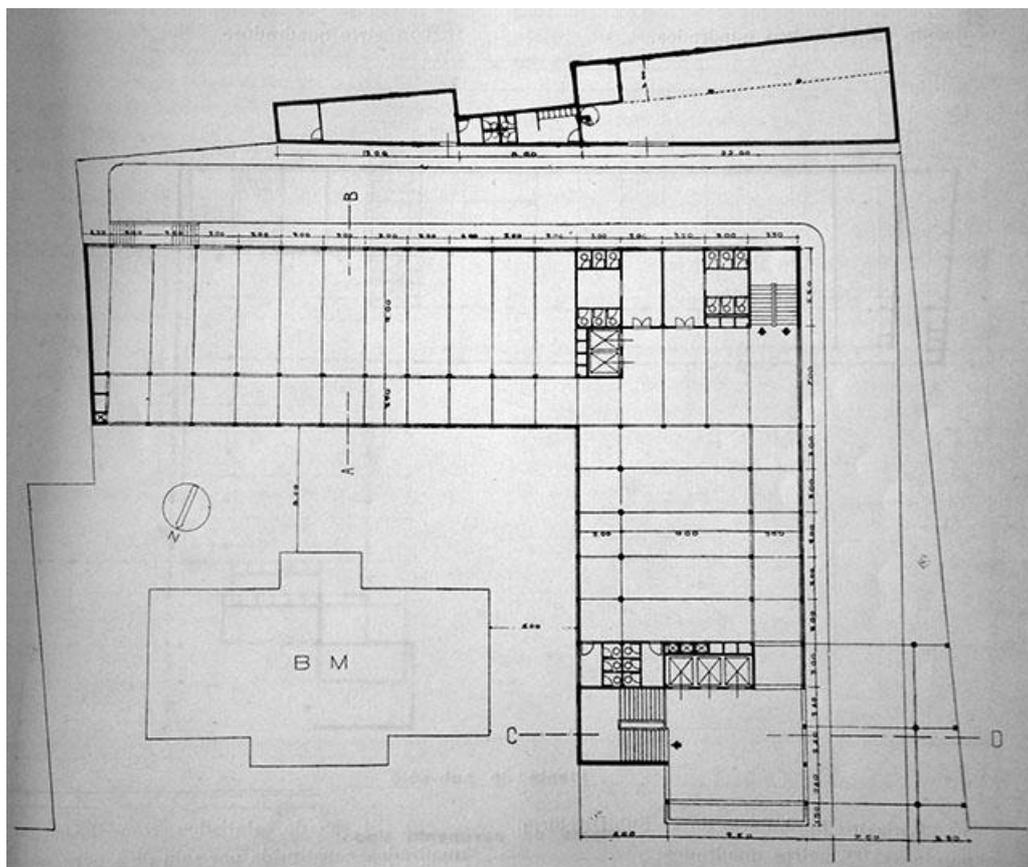
Nenhuma dessas hipóteses, por mais que viessem a ser confirmadas, foram deixadas por escrito pelo arquiteto, que preferiu dedicar algumas linhas às palavras de Le Corbusier no texto em que explica o seu projeto, ou mesmo dar ênfase às palavras de “combate” do funcionalismo e do racionalismo, para as quais segundo o próprio Reidy naquela altura era preciso “apelar” (REIDY, 1961, p: 213). Seus desenhos, entretanto, podem seguir levantando as referidas hipóteses de interpretação, sobretudo quando observados com o auxílio de outras fontes documentais, que assim somadas às demais evidências podem nos levar a questões até então inexploradas, sobre a relação entre as formas projetadas dos seus edifícios e a forma urbana dos lugares a serem implantados.

3 A SEDE DA DIRETORIA GERAL DE ENGENHARIA: 1934

Para esse local onde projeta a ampliação da prefeitura, Reidy ainda vai elaborar em 1934 mais uma proposta arquitetônica não executada, dessa vez para abrigar a sede da Diretoria Geral de Engenharia (REIDY, 1934, p: 4), nesse caso ocupando uma área mais modesta, mas ainda assim utilizando terrenos próprios da prefeitura ao redor do mesmo edifício da Biblioteca Municipal, na Rua General Câmara. Essa proposta na verdade não se ocupa dos terrenos da esquina com a Avenida Thomé de Souza, considerados na proposta anteriormente desenhada para o local, mas que pelo visto eram lotes ainda a serem desapropriados pelo município, que afinal nesse momento resolve não investir na sua aquisição.

No discurso explicativo do projeto, veremos o mesmo tom favorável a uma racionalidade no aproveitamento do terreno, na sua orientação solar e na eficácia das fenestraçãoes. A modulação e a regularidade da estrutura vão ser novamente destacadas, além de uma nota sobre a “elasticidade na utilização do edifício” (REIDY, 1934, p: 5), garantida por uma modulação que permitiria a modificação das paredes de acordo com mudanças de uso que viessem a ser necessárias. Estava portanto referida a tão sonhada “planta livre” de Corbusier, ou dos modernos, e no caso a serviço de um edifício cujo programa atenderia ao próprio trabalho de Reidy e seus colegas de repartição da prefeitura (Figura 11).

Figura 11: Planta do Pavimento Térreo

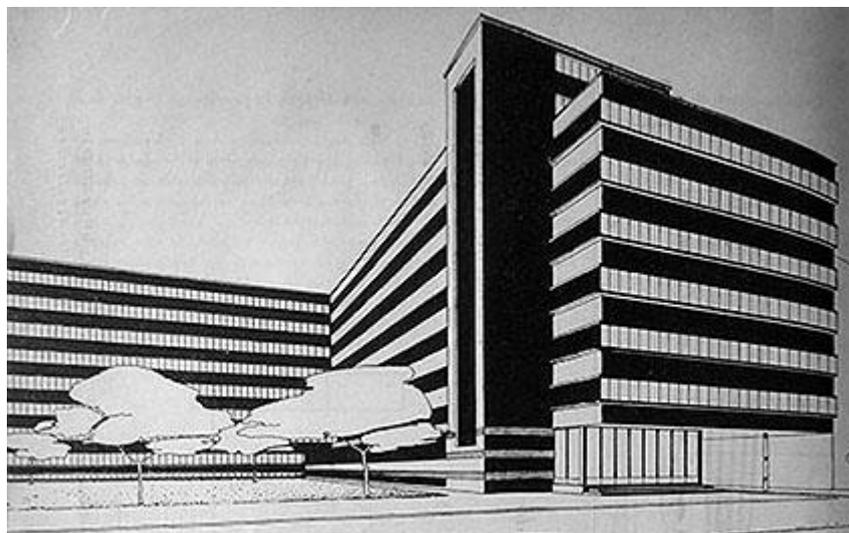


Fonte: REIDY, 1934, p: 7

No final do texto que apresenta o edifício, o arquiteto segue militando a favor de uma “racionalidade dos princípios” da arquitetura moderna, e do seu “ponto de vista utilitário” que “forçosamente terá que predominar em qualquer edificação” (REIDY, 1934, p: 9). No entanto nessa altura são referidos o “aspecto plástico” e o “estilo” das construções, que mesmo na “despretensiosa simplicidade da arquitetura contemporânea”, “sob o ponto de vista da estética, não deixa ela também de preocupar” (REIDY, 1934, p: 9). É nessa hora em que Reidy se refere a uma “unidade do conjunto” e a uma “exata concepção de equilíbrio”, que ainda seriam “requisitos de que não abre mão a arquitetura de hoje” (REIDY, 1934, p: 9). Em seguida o arquiteto vai dizer que então lhes resta resolver a “equação apresentada”, entre a estética e a funcionalidade, da maneira “mais prática, fácil e completa” (REIDY, 1934, p: 9).

A perspectiva desenhada do edifício apresenta diferenças e semelhanças com o projeto anteriormente elaborado para a prefeitura no mesmo local. Destaca-se um número maior de pavimentos, e talvez uma maior intensidade no sentido horizontal das esquadrias, que parecem mais sofisticadas do que as da primeira proposta para a prefeitura. Mas lembrando que se trata de uma planta diferente, de menor ocupação, ainda assim podemos ver se repetir a verticalidade do volume da caixa de escada e dos elevadores, assim como também vai se repetir a ausência da representação do edifício da Biblioteca no desenho, que de fato parece dar prioridade em mostrar o máximo das novas formas projetadas (Figura 12). Os volumes das construções vizinhas seguem reduzidos a uma fina linha de contorno, indicando em sua altura uma cidade um pouco mais alta do que a que supomos que existia através das imagens de arquivo.

Figura 12: Perspectiva tomada a partir da Rua General Câmara

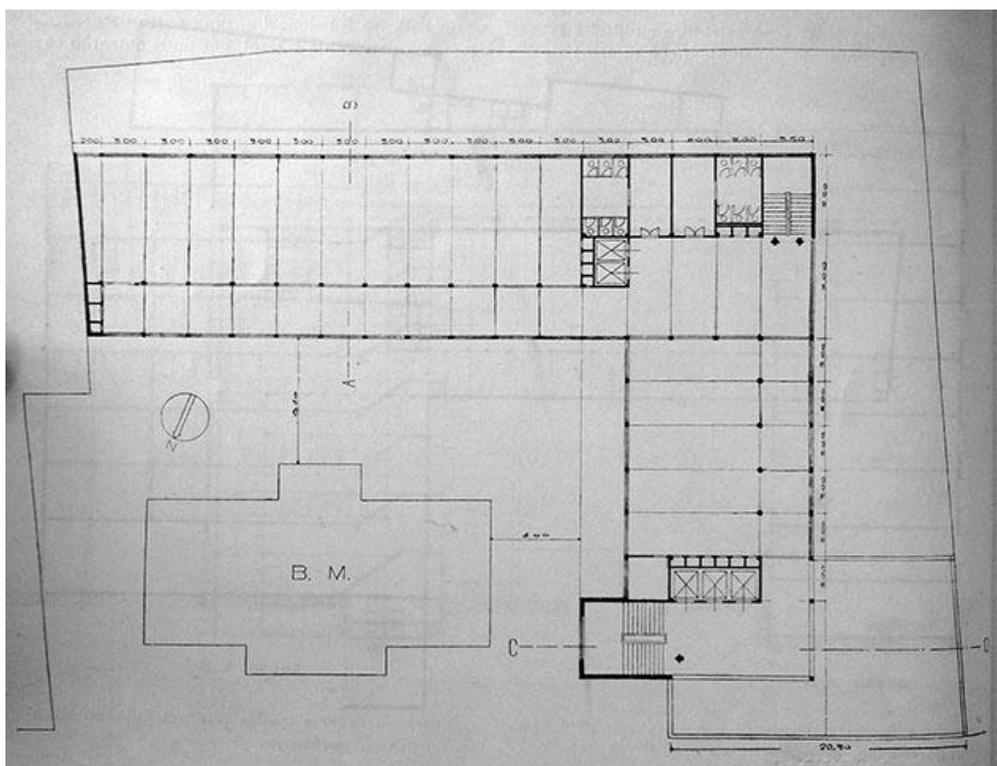


Fonte: REIDY, 1934, p: 4

No entanto, no desenho da planta do pavimento térreo vamos perceber que ao contrário do daquilo que previa a proposta anterior para o local, o alinhamento original da Rua General Câmara está mantido em toda a extensão que o desenho é capaz de mostrar, ficando dessa forma recuado o edifício da Biblioteca em relação ao alinhamento da rua. O novo edifício projetado por Reidy, na sua única porção que chega nessa rua, respeita e avança a sua projeção até o alinhamento original, deixando para trás a Biblioteca e nesse caso justapondo bruscamente as suas linhas horizontais à parede lateral do vizinho. Entretanto, o destacado

volume vertical da sua caixa de escada se mantém alinhado à face da fachada da Biblioteca (Figura 13), pelo que podemos supor que o arquiteto, nesse projeto, continua levando em conta o volume do prédio preservado no meio do terreno em que projeta seu novo edifício, apesar desse volume seguir ausente nas representações tridimensionais do conjunto arquitetônico proposto.

Figura 13: Planta do Pavimento Tipo



Fonte: REIDY, 1934, p: 6

Aliás, comparando essas duas composições projetadas por Reidy para o mesmo endereço da Rua General Câmara, veremos que essa última proposta, de 1934, abandona qualquer relação com o Palácio da Prefeitura do outro lado da rua, que no projeto de 1932 tinha o seu programa diretamente relacionado ao da nova edificação, tendo sido inclusive mencionada a comunicação subterrânea entre as duas construções. Se a proposta de 1932 referia-se a uma ampliação da própria prefeitura, enquanto a de 1934 referia-se à sede da Diretoria Geral de Engenharia, ficam claras e evidentes as razões para o “desaparecimento” do palácio municipal no texto do projeto, lembrando ainda que nos desenhos de nenhuma das propostas ele chega a aparecer. Mas esse desaparecimento na verdade não acontece apenas nos desenhos e nos textos dessas propostas. Ele ocorre já nos desenhos e nos textos do Plano Agache, de 1930, mais precisamente na seção dedicada ao referido bairro do “Sacramento”, que hoje compreende a área de número 4 do mapa da referida lei do Corredor Cultural (INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA, p: 20).

O texto do Plano Agache vai prever o alargamento de diversas ruas existentes, a abertura de novas avenidas e diversas outras modificações nessa parte da cidade, como é o caso do “prolongamento da Avenida do Mangue até a Igreja da Candelária”, que se trata na verdade da abertura da atual Avenida Presidente Vargas, e que faria “desaparecer todas as quadras de

construções compreendidas entre as atuais ruas General Câmara e São Pedro” (AGACHE, p: 178). Entre essas quadras ou construções estaria justamente a do edifício principal da prefeitura, que de fato veio a desaparecer. A essa medida destrutiva, entretanto, o plano apresenta uma solução para se construírem “os novos edifícios previstos, a fim de abrigar a Prefeitura do Distrito Federal cujas instalações atuais desaparecerão com o prolongamento da Avenida do Mangue” (AGACHE, p: 178). O que prevê essa solução é a construção das novas instalações do poder municipal ali mesmo ao redor da parte preservada do Campo de Santana, ou da Praça da República, como se refere o documento, que também seria cortada pela grande avenida. O documento chega a indicar a natureza dos tais novos edifícios, “compostos, em princípio, de um corpo principal para os salões de recepção e os anexos para o agrupamento das diversas repartições administrativas” (AGACHE, p: 178), além de indicar um desejo de que além da prefeitura, outros edifícios municipais também estivessem agrupados ao redor da praça, o que é o caso de alguns que ali já estavam, como o Corpo de Bombeiros e outros serviços menores, ou o caso de ainda outros que viessem a se instalar (Figura 14).

Figura 14: O atual Campo de Santana cortado pela avenida, com as áreas da velha Prefeitura e das novas instalações previstas

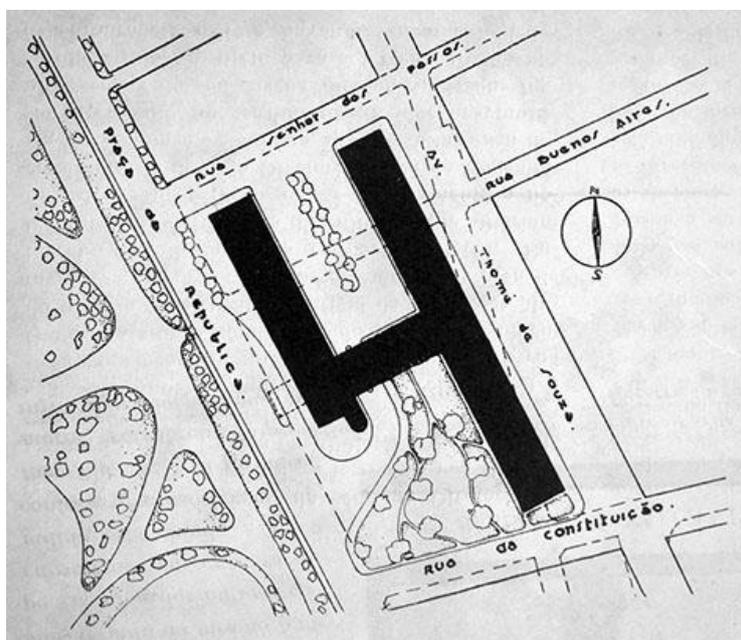


Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos – Rio de Janeiro

4 O PALÁCIO DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL: 1934

Diante de todas essas evidências a respeito do desaparecimento e do reaparecimento do edifício da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro no documento do Plano Agache, podemos entender como parte ou consequência desse mesmo processo o deslocamento do palácio da prefeitura também nos projetos de Affonso Reidy para as cercanias do Campo de Santana, lembrando que o arquiteto teria trabalhado diretamente com Alfred Agache na confecção do seu plano para a cidade, e que por isso é bem provável que estivesse ciente de todas as suas determinações, sem falar na sua condição oficial de plano diretor da cidade entre 1932 e 1934³. Se o edifício da prefeitura que aparece mencionado em seu projeto de 1932, para a ampliação da mesma, vai desaparecer da proposta de 1934 para o mesmo local, por outro lado no mesmo ano de 1934 o arquiteto vai apresentar mais um estudo não executado, e dessa vez para o próprio Palácio da Prefeitura do Distrito Federal (REIDY, 1934, p: 3), a ser construído exatamente no lugar onde o Plano Agache previa a sua nova localização. Observando a implantação desse projeto de Reidy, veremos algumas das ruas a que o Plano Agache vai se referir no bairro do Sacramento, e inclusive acatando as suas determinações de alargamentos, prolongamentos e aberturas. Veremos por exemplo “a conclusão do alargamento da Rua Thomé de Souza sucedendo-se à Rua Gomes Freire que será prolongada além da Rua Marechal Floriano” (AGACHE, p: 178), ou mesmo “o alargamento da Rua Senhor dos Passos”, que viria a “terminar no seu cruzamento com a Rua Thomé de Souza formando uma praça-estacionamento para os novos edifícios previstos” (AGACHE, p: 178). Portanto, não é difícil notar que o projeto de Reidy se refere a esses novos edifícios, e que as ruas que lhe circundam são as ruas a que se refere o Plano Agache (Figura 15).

Figura 15: Planta de Situação



Fonte: REIDY, 1934, p: 3

No entanto, também nota-se nos desenhos desse projeto uma certa ruptura dos padrões

³ Cf. Decreto nº 4.923 de 30 de junho de 1934, que revoga o Decreto nº 3.873 de 10 de maio de 1932.

construtivos e arquitetônicos que normalmente ilustram as páginas do plano de Alfred Agache, confirmando dessa forma o percurso próprio do arquiteto Affonso Reidy, que ao mesmo tempo em que trabalhava para ele, começava a se descobrir e confessar-se um leitor cada vez mais assíduo de Le Corbusier. A perspectiva do projeto mostra uma obra que parecia ocupar uma grande área descampada, mas que na verdade se tratava de um conjunto de quarteirões inteiramente ocupados por um dos tecidos urbanos mais antigos da cidade, e que no caso seriam totalmente demolidos. Entretanto, o desenho vai dar ênfase às áreas verdes do Campo de Santana que de fato estaria mesmo em sua frente (Figura 16). Esta ênfase poderia nos fazer lembrar da Carta de Atenas dos modernos, que celebra exatamente as áreas verdes localizadas no interior do tecido urbano das cidades existentes, além de insinuar uma necessidade urgente de renovação urbana desses centros mais antigos. Mas devemos nos lembrar que é o Plano Agache que promove essa “limpeza”, assim como a nova distribuição das ruas ao redor da nova quadra a ser ocupada pelo “palácio” de Reidy.

Figura 16: Perspectiva tomada a partir do Campo de Santana



Fonte: REIDY, 1934, p: 3

O aspecto de uma cidade completamente nova na perspectiva de fato não condiz com a realidade material à sua volta, da qual não resta nenhuma representação. Além disso, o edifício isolado no centro do terreno também não deixa qualquer pista sobre que tipo de lugar seria ocupado por aquela arquitetura. O gabarito e a altura limitada dos volumes provavelmente responde aos códigos construtivos em vigor. O sentido horizontal das linhas de força dos seus projetos anteriores também parece sobreviver nessa proposta, cuja implantação novamente observada denuncia uma consideração das quadras ocupadas como se anteriormente estivessem de fato vazias, ou mesmo como se a sua nova natureza respondesse mais a uma extensão de um parque, que é o Campo de Santana, do que a uma parte daquela cidade que certamente ainda se fazia ali presente. A imagem ininterrupta da perspectiva entre o Campo de Santana e a “superquadra” do edifício talvez nos ajude a pensar dessa forma, assim como também poderia ao menos nos fazer lembrar, mesmo que de longe, de outras obras suas que ainda viriam a “fugir”, no futuro, do seio da cidade mais antiga para o meio de um dos parques mais bonitos da cidade.

REFERÊNCIAS

- AGACHE, A. *Cidade do Rio de Janeiro: Extensão – Remodelação – Embelezamento*. Paris: Foyer Brésilien, 1926-1930.
- BONDUKI, N. (org.). *Affonso Eduardo Reidy*. Lisboa: Blau, 2000.
- INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA. *Corredor Cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2002.



- REIDY, A. E. “Ante-Projecto de um edifício destinado a conter dependências de Serviços Municipaes”. In: Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal, ano 1, nº 1, Rio de Janeiro, Jul. 1932. p. 2-5.
- REIDY, A. E. “Estudo para o Palácio da Prefeitura do Distrito Federal”. In: Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal, ano 3, nº 11, Rio de Janeiro, Jul. 1934. p. 3.
- REIDY, A. E. “Projeto para a construção da sede da Diretoria Geral de Engenharia”. In: Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal, ano 3, nº 11, Rio de Janeiro, Jul. 1934. p. 4-9.
- REIDY, A. E. [1961]. “Inquérito nacional de arquitetura”. In: XAVIER, Alberto (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 212-216.